

# A CULTURA DO ABACAXI NO MUNICÍPIO DE SAPÉ UM EXEMPLO DE MODERNIZAÇÃO\*

Maria Lúcia Gonçalves de Carvalho\*\*

## INTRODUÇÃO

Nossa apresentação pretende enfatizar que os novos métodos de plantio adotados na cultura do abacaxi em Sapé, são um reflexo da necessidade criada pelo setor industrial, notadamente, a indústria Maguary. Baseada nisto, focalizaremos os aspectos modernizantes do processo e a sua disseminação entre os produtores, sem deixar de ressaltar as mudanças havidas nas relações de produção e de trabalho.

Nossa posição teórica é fundamentada nas concepções desenvolvidas por vários autores - Arroyo, Graziano da Silva, Passos Guimarães no que tange à expansão do capitalismo no campo. Estas apontam para o aprofundamento da integração entre os setores - formando o chamado complexo agroindustrial - sendo a agricultura um elo dependente e subordinado principalmente aos ditames do capital industrial.

Para uma melhor compreensão do problema, faremos uma divisão meramente didática. Em primeiro lugar, teremos a caracterização da cultura no município e da natureza dos produtores. Em seguida enfocaremos a importância da indústria, especificamente da empresa Maguary, no processo de modernização, e, finalmente, ressaltaremos as

implicações diretas nas relações de produção e de trabalho advindas das modificações no processo produtivo.

Estas observações são fruto de uma pesquisa, baseada em dados primários levantados em documentos do IBGE, INCRA, EMATER, EMEPA etc e secundários, resultados de várias visitas ao local, onde aplicamos questionários e realizamos entrevistas, com uma amostra de 19 produtores, em janeiro e agosto de 1983.

## CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA NO MUNICÍPIO E DA NATUREZA DOS PRODUTORES:

O Estado da Paraíba<sup>1</sup> é - guarda das as devidas proporções - um dos grandes produtores de abacaxi, com 3.200-6.700 ha de área colhida e 47.700 -111.520 ton. produzidas anualmente ao longo do período 1973-1980. Isto representa participação de aproximadamente 18,0% do total da área colhida no Brasil, e de 23,0% do total da quantidade produzida no país, neste período.

Na Paraíba, Sapé e Mari - ambos localizados na micro-região Agropastoril do Baixo Paraíba (MRH/99) - são os municípios de maior relevância na produção estadual de abacaxi. No biênio 1979/1980 participaram com pouco mais da metade do total da área e da quantidade de abacaxi produzido no Estado. (IBGE-Produção Agrícola Municipal, 79/80).

O abacaxi foi introduzido em Sapé a partir dos anos 30 do presente século, mas só após 1960 é que começou a ser produzido com nítidos objetivos comerciais e vendido para compradores do Rio de Janeiro, e de São Paulo e, pos

\* Trabalho apresentado no Seminário "Regionalização do Semi-Árido Perspectivas e Desenvolvimento, realizado no Recife-Pe, nos dias 28 a 30 de novembro de 1984.

\*\* Do Departamento de Economia e Finanças da Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.

teriormente, da Argentina. Foi, também, na década de 60 que a variedade Smooth Cayenne foi introduzida, com finalidade de industrialização.

Apesar de controvérsias sobre quem realmente introduziu o Smooth Cayenne em Sapé, podemos afirmar que, atualmente é na fazenda Buracão da Maguary, onde está concentrada a maior produção desta variedade destinada ao aproveitamento na fábrica da própria empresa, em Bonito (Pe)<sup>2</sup>. Entretanto não houve disseminação significativa desta entre os demais produtores do município, devido este tipo de abacaxi exigir em maior escalada que o Jupy e a Pérola - tratamento fitossanitário, que encarece sobremaneira o custo de produção.

O cultivo do abacaxi, na Paraíba, especialmente nesta área, encontra-se nos favoráveis e clima adequado para seu desenvolvimento, o que explica em grande parte, o alto rendimento médio alcançado pelo cultivo local. Se compararmos os dados relativos ao Brasil e aos demais Estados da Federação, veremos que o rendimento do fruto por ha na Paraíba e em Sapé, só é superado pelos parâmetros dos Estados de Espírito Santo e São Paulo.

Além destes fatores, particularmente os naturais, a produção estadual de abacaxi conta com demanda estável a nível interno e externo. Beneficia-se também, através de diversos mecanismos da política agrícola, de direcionamento da política econômica nacional para os produtos de exportação. Mesmo assim, observa-se que a exportação do abacaxi da Paraíba tem decaído gradualmente nos últimos anos, mesmo mantendo-se o nível da produção estadual<sup>3</sup>. Acreditamos que causas internas e externas provavelmente, provocaram esta diminuição.

A caracterização dos produtores<sup>4</sup> iniciou-se pela análise de sua estrutura fundiária, o que nos permite fazer determinadas relações.

Partindo de uma listagem de 39 produtores<sup>5</sup>, procedemos a uma classificação por categoria, estando percentualmente assim distribuído: 12,8% como pequeno; 39,9% como médio e 51,3% como grandes. Dentre estes escolhemos uma amostra de 19 produtores altamente representativa e cuja escolha final por categoria é bastante adequada: dois pequenos produtores (40,0% da categoria); seis médios (42,9%) e onze grandes (55,0%). A área total disponível dos produtores da amostra soma 4.494,0 ha (quatro mil, quatrocentos e noventa e quatro hectares), sendo que com o abacaxi atingiu 1.788,0 ha (um mil setecentos e oitenta e oito hectares). A média é 94,0 ha (noventa e quatro hectares) por produtor com abacaxi e o total disponível por produtor é de 236,0

ha (duzentos e trinta e seis hectares). Apesar de que conclusões tiradas a partir destas médias sejam limitadas, podemos afirmar que os produtores dedicados à cultura do abacaxi, são, quase exclusivamente, os grandes, que já possuem boa disponibilidade de recursos.

Acreditamos que a explicação para estes fatos seja possível de encontrar na análise de certos fatores. Sabemos que a cultura do abacaxi apresenta, com paradas com outras culturas, boa lucratividade, porém é indispensável que o produtor possua substanciais reservas monetárias para custear as despesas durante o período de produção, o qual alcança, em média, dezoito meses. Isto é um fator que limita o número de produtores com capacidade para envolver-se na atividade, ao lado dos altos custos de produção que contribuem para que alguns produtores explorem área menor do que poderiam cultivar em outras condições.

Além destas características básicas dos produtores de nossa amostra, vamos, superficialmente, indicar algumas outras por categoria.

A proporção dos pequenos produtores entre os abacaxicultores é relativamente baixa; não arrendam a terra e nem a cedem em arrendamento. Moram na própria unidade produtiva e mantêm além do abacaxi da variedade Jupy, que é a cultura principal, roçado para atender, prioritariamente e quase exclusivamente ao consumo doméstico.

De grande relevância, parece-nos o fato de estes pequenos produtores terem ingresso adicional não proveniente de atividades agrícolas. Isto vem mostrar dupla realidade, em que causa é efeito superpõem-se e misturam-se: por outro lado, parece que nos estratos comparativamente mais baixos, é necessário uma renda complementar, indispensável à manutenção destes produtores como tais; enquanto, por outro lado, há fortes indícios de que precisamente por terem respaldo material é que podem atuar como produtores de abacaxi.

Os produtores médios, diferentemente dos pequenos, tem participação superior, constituindo-se a quarta parte destes. Todos vivem dos ingressos provenientes da exploração própria, complementando-as, em pequena medida, com os decorrentes de atividades empresariais ou agrícolas, em terras arrendadas.

Quanto aos grandes produtores, des-taca-se Frutas Tropicais Ltda. pertencente hoje, ao grupo Cia. Souza Cruz, atual proprietário da marca Maguary, que fornece diretamente sua produção para a unidade industrial de Bonito. Isto denota que, no processo de agro-

industrialização, o setor industrial procura interferir, subordinando o setor agrícola, através da criação de novas necessidades com relação a matéria-prima. Neste caso concreto, o setor industrial, indiretamente, administra e organiza a produção agrícola de terminando, inclusive, a variedade do produto a ser plantada, a época apropriada, a quantidade a ser produzida etc.

Os outros grandes produtores, além de orientarem sistematicamente seus respectivos administradores sobre o cultivo de suas terras, e residirem fora dela, desempenham múltiplas funções, destacando-se a de intermediários - que é a expressão de seu poder econômico - aliado às suas facilidades de penetração nos mercados. Ao lado disto, observamos entre eles, a prática de tomar terra em arrendamento uma vez que as próprias terras são insuficientes para atender sua capacidade de produção. A cultura principal entre eles é o abacaxi, no entanto a cana de açúcar é cultivada em grandes quantidades, ao lado do mamão, coco e tomate (em menores quantidades) as quais destinam-se à agroindústria. As culturas de subsistência são encontradas entre poucos e são cultivadas em proporções bem inferiores.

Após termos traçado o perfil do produtor de abacaxi, vamos agrupar as unidades produtivas de nossa amostra, por estrato de área, comparando, assim, os dados fornecidos pelo IBGE, "por estabelecimento" com os relativos à "área disponível" levantados por nós. As séries merecem ressalvas, embora tragam algumas conclusões cabíveis após análise da tabela 1, da página seguinte.

A leitura da tabela, reforça, agora com dados comparativos, alguns fenômenos já apontados. Chama a atenção quanto é grande, no Brasil (50,4%), na Paraíba (66,9%) e muito mais no Agropastoril (89,3%) e em Sapé (85,0%) a concentração dos estabelecimentos com menos de 10 hectares, conquanto não se verifique tal fato com as unidades produtivas de nossa amostra, pois apenas 21,1% estão incluídas neste estrato. Isto é, pequena parcela. Mas, no estrato de 1.000 a menos de 10.000, vimos que há maior afluência de produtores de abacaxi (10,5%) se comparados com os estabelecimentos das outras localidades constantes na tabela. Para exemplificar, vimos, que na Paraíba apenas 0,3% dos estabelecimentos estão neste intervalo. Além disto, no mesmo intervalo, o percentual da área com relação ao total, é muito maior para os produtores de nossa amostra (54,4%) embora, para o Brasil, Paraíba, e principalmente Sapé, varia de 21,2% a 38,6%.

Com estas considerações fica bas

tante evidente que a estrutura fundiária dos produtores de abacaxi de Sapé, situa-se em patamar de concentração muito acima da média encontrada para o Brasil, Paraíba e Sapé. Isto vem diferenciando esta cultura entre as demais e ensejar que seja incluída entre as "culturas de rico" devido também a modernização porque passou o seu processo produtivo, motivo que, nos leva em seguida a tecer certas considerações.

#### A IMPORTÂNCIA DA MAGUARY NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO

Uma das especificidades da cultura do abacaxi é a grande diferença no padrão tecnológico adotado pelos produtores. Sobressaindo o nível de modernização dos plantios da Maguary e a sua influência entre os abacaxicultores.

Na fazenda da Maguary o ciclo de produção<sup>0</sup> é de catorze meses, devido especialmente - entre outros fatores - ao uso da irrigação, que por se tratar de tecnologia muito dispendiosa, foi adotado apenas por outro grande produtor da região. Com relação ao tempo gasto, 14 meses é considerado o mínimo pelos produtores, como também pelo resultado dos estudos elaborados por técnicos sobre esta cultura.

O espaçamento - distância entre carreiras e plantas - vem diminuindo em função das observações feitas nos plantios da Maguary e outros produtores que lhe são mais vinculados. A implicação mais direta desta adoção é a do aumento do rendimento por área, que na fazenda da Maguary é de 30.000 a 35.000 frutos/ha muito superior a todas as categorias de produtores, pois mesmo os grandes produtores obtêm vinte mil frutos por ha e os pequenos e médios 15.000 a 20.000 por hectare.

A mecanização do solo é uma prática na fazenda da Maguary, assim como nas unidades produtivas dos pequenos, médios e grandes, sendo que os primeiros alugam o trator de alguns grandes produtores. Aparentemente, pode não fazer diferença o momento de utilização do trator, mas o fato de comumente não haver trator disponível no tempo certo - o que sempre ocorre - acarreta prejuízos para a quantidade e qualidade do fruto, e consequentemente para aqueles produtores dependentes de trator alheio.

Mas, o aspecto relevante é que, após a implantação da filial da Maguary, em 1958, o processo de produção do abacaxi foi alterado, com séria repercussão no nível de emprego. Isto ocorreu, principalmente, pelo uso do trator na fase inicial do plantio, método este que foi difundindo-se na área.

Outra técnica que passou a ser adotada, antes do plantio, foi a da seleção e preparo das mudas-ceva, cura e tratamento -, cujo início deu-se na fazenda da Maguary, e posteriormente, foi divulgada entre os demais, com o objetivo de uniformizar o plantio e diminuir a incidência de doenças e pragas.

Após o plantio, inicia-se os trabalhos culturais, sendo o mais comum a limpa, que é manual e obedece a certa periodicidade. Na fazenda da Maguary faz-se oito limpas durante o ciclo produtivo, devido ao fato de aplicar-se herbicida, explicando assim a diferença entre o número desta com relação aos demais. Entre os pequenos e médios fazem-se de doze a dezoito limpas por ciclo de produção e entre os grandes de cartozo a vinte e duas. O herbicida foi usado pela primeira vez em Sapé, na fazenda da Maguary, no início da década de 70, mas, não se tornou prática permanente entre os demais, devido a vários motivos.

Antes, porém de colocar o carbureto, com a finalidade de provocar a indução floral, aplica-se o adubo na planta, método que contribui para maior crescimento e amadurecimento do fruto. Tal emprego é, hoje, em número de 3 a 4 vezes, mas era de apenas uma aplicação em períodos anteriores. O uso, atualmente, é indiscriminado - e do tipo mineral - para todas as categorias de produtores, havendo apenas uma diferença no método adotado pela fazenda da Maguary. Para esta, o adubo é preparado na própria fazenda, ao passo que para os demais é adquirido pronto para ser aplicado, isto é, misturado.

O uso do adubo, foi iniciado na fazenda Maguary na década de 60, enquanto, para os demais produtores só ocorreu na de 70. Para alguns por influência indireta, quer seja através de efeito-demonstração verificado pelo desenvolvimento do plantio, das indicações dadas pelo técnico da fazenda "Buração" aos produtores vizinhos - não que se refere ao tipo, uso e proporções de adubo em função da característica do solo - e da experiência dos trabalhadores que, no final de semana, trabalhavam em outras unidades de produção. Para outros, o uso do adubo foi disseminado através de vendedores e de agentes bancários.

Os bancos, por sua vez, condicionam a liberação de empréstimos à aquisição de adubos. A vinculação que existe entre empréstimos/uso de adubo é válida, também para empréstimos/assistência técnica, pois são assistidos apenas produtores que mantêm pelo menos na época da pesquisa (08/83), contratos bancários de financiamentos.

Tanto quanto o adubo é também generalizada a indução floral entre as diversas categorias de produtores. É feito por intermédio de aplicação do

carbureto na roseta foliar para a variedade Pérola e do Ethrel para o Smooth Cayenne.

Quanto ao tratamento fitossanitário - medida preventiva contra as doenças e pragas - apuramos que está intimamente associado a variedade Smooth Cayenne.

Sendo assim, podemos dizer que a influência da fazenda Maguary entre os produtores, no processo de modernização da produção agrícola, teve grande importância, embora, indiretamente. Foi em sua plantação onde ocorreu pela primeira vez a mecanização do solo, seleção, tratamento de mudas, adubação e aplicação de herbicida, processos que posteriormente, difundiram-se aos outros.

Mas, o que a fazenda da Maguary não conseguiu firmar entre os abacaxicultores de Sapé, foi a nova variedade introduzida em suas próprias terras. O motivo para nós é que esta variedade apresenta custos de produção muito superior às demais, aliado a um mercado, por enquanto, muito reduzido, uma vez que a sua utilização é a industrialização em fatias - em primeiro plano - não sendo muito propício para ser consumido "in natura", pelo menos no mercado brasileiro.

#### IMPLICAÇÕES DIRETAS NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E DE TRABALHO

Acabamos de ver que várias fases do processo produtivo de abacaxi foram tornando-se exigentes quanto à especialização de mão-de-obra, como também na incorporação de insumos químicos industriais, cujo resultado é uma produção de alta produtividade e elevada rentabilidade. Com estas características, aliadas à forma social de distribuição de terra no município de Sapé - que é bastante concentrada - evidencia-se que a condição de proprietário é a relação de produção predominante, seguida da de arrendatário.

Na Paraíba e em Sapé se comparamos a participação da área dos proprietários (87,4% e 83,0% respectivamente) e dos arrendatários (3,7% e 3,6%) em 1980 observamos que o fenômeno de arrendamento parece diluir-se em importância, embora que estas terras sejam integralmente aproveitadas, ao passo que as em propriedade não o são. Contrariamente os dados relativos ao total dos estabelecimentos, mostra que a participação dos arrendatários é bem mais significativa (15,4% e 18,3%) no mesmo ano.

Isto mostra que o fenômeno do arrendamento está relativamente mais desenvolvido em Sapé. A evidência entre os produtores de abacaxi é ainda maior, pois verificamos em nossa amostra, que 9 (47,4%) arrendam, e a área arrendada apresenta 20,0% do total da terra explorada com o abacaxi. É ver

dade que a quantidade de terra cedida em arrendamento vem declinando significativamente e que pode ser explicado pela decisão tomada pelos grandes proprietários de não ceder terras para o abacaxi ou outras culturas e passar a plantar cana-de-açúcar. Isto implica que a manutenção da produção de abacaxi necessita de emprego de terras em outros municípios.

Em vista do fenômeno de arrendamento ter-se constituído em prática muito utilizada pelos produtores de abacaxi, no local em estudo devemos tentar compreendê-lo melhor.

Acreditamos que ceder e tomar terras em arrendamento era uma atividade maior antes do que hoje, e que se impu- nha por algumas razões principais que passamos a analisar.

- para o proprietário é um mecanismo complementar para aumentar seus proventos, já que recebe renda em dinheiro (o mais comum) em função da cessão temporária da utilização do solo de sua propriedade e isentá-lo de todas as vicissitudes inerentes à produção agrícola;

- tendo Sapé uma estrutura fundiária muito concentrada, esta seria uma forma de acesso à terra, para a grande maioria dos produtores;

- para o proprietário apresenta-va-se como uma forma econômica de beneficiar sua área, a qual possuía grande parte com mata que necessitava ser derubada para ser incorporada às áreas produtivas;

- justificava-se pelo fato de pe- cuária ser uma atividade desenvolvida, principalmente, nas grandes propriedades e os restos das culturas complementam de maneira positiva a alimentação do gado;

- confere, ocasionalmente ao pro- prietário - dependendo do contrato - o direito de comprar a produção do arren- datário, quase sempre a preço inferior ao do mercado.

Com respeito ao arrendamento deve- mos dizer, que anteriormente, o prazo habitual do contrato era de três anos enquanto que atualmente é de dois anos. Mas, a explicação para esta diminuição, embora não seja temporalmente bem deli- mitada, teoricamente, guarda alguma re- lação com certos fatos: 1) o plantio era realizado "no toco"; 2) não havia sido introduzidos, ainda, certas inova- ções químicas. Nestas circunstâncias a colheita do fruto processava-se no segundo ano para o primeiro fruto e no terceiro para o segundo, ficando o ar- rendatário com a muda.

Mas, as condições objetivas foram modificando-se através da introdução e difusão gradual da mecanização e do

uso de adubo. A isto aliaram-se a con- veniência do proprietário da terra, de obter renda em períodos menores, e o fato de que para o arrendatário não era compensador esperar mais um ano pa- ra colher a segunda fruta, chamada vul- garmente "soca" e comercializada por menor preço.

Assim vemos que a modernização trouxe a redução do período do proces- so de produção possibilitando a respec- tiva diminuição do prazo de arrendamen- to.

Tanto os arrendatários como os proprietários de nossa amostra mantêm com os trabalhadores relações semelhan- tes: de assalariamento. A maioria dos produtores adota fundamentalmente a contratação do tipo temporário. Isto, justifica-se pelo fato de ser mais eco- nômico para o empregador contratar tra- balhadores só nos períodos de necessi- dade efetiva, devido a que os tempos de trabalho na agricultura não se igua- lam com o tempo de produção. Aliado a isto o avanço da mecanização tem feito com que o emprego de mão-de-obra dimi- nua, substancialmente, em algumas fá- ses.

Entre os 19 da nossa amostra, con- siderando as categorias inicialmente adotadas, detectamos as seguintes rela- ções de trabalhos.

Os pequenos produtores utilizam como mão-de-obra básica, os membros do próprio grupo familiar e, em caráter complementar, trabalhadores assalaria- dos do tipo temporário, comumente cha- mados de "avulsos" e/ou "clandestinos".

Existe especialização por sexo e diferenciação na forma de pagamento nas atividades desenvolvidas pelos as- salariados. As mulheres recebem "por diária" um valor que vai aproximadamen- te da metade a dois terços do salário mínimo regional enquanto os homens são pagos "por produção" recebendo de um quarto a um terço a mais do que um sa- lário mínimo regional, por mês.

Não se pode deixar de observar que estes "salários" são parcialmente ilusórios, já que se trata de trabalha- dores temporários. Assim sendo, os sa- lários verdadeiramente percebidos, por- mês, são geralmente inferiores aos te- tos máximos acima colocado.

Nas unidades dos produtores mé- dios a força de trabalho utilizada é a de assalariados temporários, tendo a mão-de-obra familiar função secundária, não recebendo, como entre os pequenos produtores remuneração em dinheiro e nem de outra forma. O pagamento dos temporários, por parte dos médios pro- dutores, é igual à dos pequenos.

Somada a esta similitude, obser-

vamos que tanto os produtores pequenos como os médios não contratam diretamente crianças, não obstante, elas trabalham em sua unidade, complementando o trabalho de mãe, que é a pessoa contratada. Entretanto, não recebem - por isso - nenhuma remuneração adicional, o que significa em termos reais rebaixamento do montante pago por unidade de trabalho dado. Este fenômeno, em sua essência, denota o desemprego existente, pois, se assim não fosse, as crianças iriam assalariar-se naquela propriedade ou em outra.

Entre os grandes produtores, verifica-se certas especificidades, que os diferenciam dos demais, o que demonstra com mais força as mudanças introduzidas nas relações sociais advindas do processo de modernização.

Entre estas, salientamos que a força de trabalho empregada é totalmente assalariada, prevalecendo nitidamente a temporária, também sem carteira assinada, a qual é contratada, na maioria, de forma coletiva e através de empreiteiros.

Outro ponto, que nos chama atenção é o emprego, pela maioria dos produtores, da força de trabalho infantil, principalmente para o plantio, cujo pagamento "por tarefa" é muitas vezes inferior à média do município. Isto representa mais uma exploração não vedada do trabalho da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da modernização são sentidas claramente, no seio da própria agricultura. No caso do abacaxi, realmente houve uma elevação substancial do rendimento por ha, embora verifiquemos que o acesso à sua produção tornou-se mais difícil. Isto devido à estrutura fundiária reinante no local e ao acréscimo nos investimentos e custos unitários de produção.

Observa-se que esta modernização aparece como sendo uma exigência do setor industrial e não da própria agricultura - conforme assinala Graziano da Silva - e que traz implicações de ordem mais ampla, qual seja a subordinação ao complexo agroindustrial.

Concluimos pois que os resultados econômicos do plantio de abacaxi, no município de Sapé, repercutiram contraditoriamente. Teve repercussões positivas entre os produtores na medida em que se verificou a modernização do processo produtivo, elevando por conseguinte, o nível de rentabilidade da cultura. Por outra parte, esse mesmo processo excluiu uma parcela de produtores de abacaxi, que não conseguem

acompanhar os custos da modernização, e estimulou o assalariamento - do tipo temporário - e menos do permanente - nos últimos períodos.

## NOTAS

<sup>1</sup> Na Paraíba, os produtos agrícolas que mais se destacaram em 1981, no tocante ao valor, foram: cana de açúcar, mandioca, sisal, feijão e o abacaxi. (IBGE-Anuário Estatístico 1982 - Estado da Paraíba).

<sup>2</sup> As Indústrias Alimentícias Maguary, do Recife (Pe), que pertenciam à família Tavares de Melo, desde 1952, com fábricas em Pernambuco, Ceará e Minas Gerais e duas fazendas no interior da Paraíba, foi comprada pela Cia Souza Cruz - maior fabricante de cigarros do país - subsidiária brasileira da British American Tobacco, em julho de 1984. (ISTO É, julho de 1984).

<sup>3</sup> Houve também, diminuição brusca no número de firmas exportadoras em Sapé, pois das catorze existentes em 1973 apenas restavam uma em 1980.

As quantidades exportadas, em 1983, decresceram em relação aos anos anteriores. Os dados são os seguintes (em mil caixas). 1979=40; 1980=; 1981=69; 1982=75; 1983=35.

<sup>4</sup> Usamos o critério utilizado pelo Banco Central do Brasil, que classifica os produtores em pequenos, médios e grandes, com base no valor da produção auferida na exploração agropecuária, no ano anterior.

<sup>5</sup> A listagem foi retirada do cadastro do Incra-1978-, no qual fizemos algumas alterações, após a nossa pesquisa de campo, realizada em janeiro e agosto de 1983.

<sup>6</sup> O processo produtivo do abacaxi abrange várias fases. Inicia-se com o preparo do solo, passando pelas etapas intermediárias e vai até a colheita.